

Nossa Senhora de Nazaré em Morro Vermelho: memória coletiva e história

Miguel Mahfoud

O objetivo do presente artigo¹ é identificar relações entre história e memória coletiva, assim como vividas e representadas pelos próprios sujeitos, examinando - na perspectiva da psicologia social fenomenológica - a elaboração da experiência típica de uma comunidade rural tradicional mineira, Morro Vermelho, no que toca à sua mais importante tradição local, a saber, a devoção e celebração da festa de Nossa Senhora de Nazaré.

Tomamos memória coletiva no sentido cunhado por Maurice Halbwachs (1925, 1988, 1990; cf. Schmidt e Mahfoud, 1993): A memória é o trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articularem-se entre si. Tanto reconhecimento quanto reconstrução dependem da existência de um grupo de referência. As lembranças são reconstruídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas. É a permanência de um apego afetivo a uma comunidade de referência que permite ao sujeito atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo (presente ou ausente) e então lhe permite lembrar enquanto membro do grupo, dando consistência e vitalidade à lembrança. A memória coletiva propriamente dita é o trabalho que um determinado grupo social realiza articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns, donde resulta um acervo de lembranças compartilhadas. A memória coletiva também adapta as imagens de fatos antigos a crenças e necessidades espirituais do presente. Nela o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é re-significado. A tradição é o quadro mais amplo onde conteúdos da memória coletiva se atualizam e se

¹Relato de pesquisa realizada com apoio da FAPEMIG.

articulam entre si. É na tradição que a memória coletiva encontra seu lugar com significado, ao mesmo tempo em que dinamiza as tradições. A memória coletiva tende a transformar os fatos do passado em imagens e idéias sem rupturas, estabelecendo uma continuidade entre passado e presente, restabelecendo a unidade original de tudo aquilo que, no processo histórico do grupo, representou quebra ou ruptura. A memória histórica busca solucionar rupturas, produzir imagens unitárias em uma direção diferente: soluciona o atual no passado, oferece uma construção lógica e inventada do passado, na tentativa de encontrar o que já existia anteriormente. A memória coletiva desempenha um papel fundamental nos processos históricos, dando vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos e preservando o valor do passado para os grupos sociais, sendo guardião dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica.

A fenomenologia procede à descrição do vivido para apreender o significado afirmado no posicionamento do sujeito em seu mundo. Descrição fenomenológica diz respeito à exigência de estabelecer de modo essencial as características fundamentais de um fenômeno tomado para exame, e direciona-se tanto para o interior do sujeito analisando as experiências vivenciais e a vida da consciência, como para investigação da intersubjetividade e análise das concepções do mundo. Apontando pontos de referência essenciais, buscam-se as estruturas que permitam compreender o mundo-da-vida em sua essencialidade. Psicologia fenomenológica, descritiva, se interessa pelo ser humano e sua atividade cognitiva, atividade esta que capta as relações espaço-temporais e causais concernentes às coisas, interessa-se pela conexão entre físico e psíquico, e ao tentar formular definições traz consigo a exigência de uma fundamentação segura, surgindo daí a pergunta se aquilo que é experimentado seria ou não real, começando-se então a distinguir entre aparência e essência. (Bello, 1998 e 2000). Nessa perspectiva, tomam-se os objetos culturais como expressão do vivido (Amatuzzi, 1996) e cultura é concebida na perspectiva do mundo-da-vida (Mahfoud, 2001b), constituída pelas mentalidades, pelas formas de orientação, pelas expressões e pelos produtos próprios de um certo grupo humano. "Uma ontologia do mundo da vida, por conseguinte, coincide com a ontologia da cultura" (Bello, 1998, p.42).

Pequena vila rural no estado de Minas Gerais (Brasil), Morro Vermelho é palco de uma grandiosa festa popular em honra de Nossa Senhora de Nazaré, celebrada ali a 8 de setembro, ininterruptamente, desde 1704, segundo a tradição

local. A festa ordenadora da vida local por um grande período do ano, é definidora de identidade pessoal e coletiva: a participação na festa concede um lugar específico na comunidade e a festa realizada pela comunidade no seu conjunto é vivida como algo de valioso realizado para toda a sociedade brasileira. A ligação afetiva àquela figura religiosa se traduz em gestos construtivos da festa e em vitalidade social que caracteriza o temperamento decidido, batalhador e briguento. Concebem-se como mantenedores das tradições de origem portuguesa recebidas no início do século XVIII: a celebração da semana santa (Mahfoud, 2001a), a encomendação das almas (Mahfoud, 1999), músicas sacras e profanas executadas pela Corporação Musical Santa Cecília, a contradança... mas sobretudo a devoção a Nossa Senhora de Nazaré celebrada pela cavalhada (representação de luta entre mouros e cristãos e do pacto de paz estabelecido pela intervenção da Virgem Maria). (Mahfoud e Ribeiro, 1998 e 1999).

Para a comunidade rural tradicional, a origem é definidora do ser:

Nós aqui no Morro, nós somos fundamentado na tradição. Eu falo aí não é [só] do estado, eu falo é do país, que é o Brasil - e eu não tenho estudo, mas posso ter muita experiência, porque eu trabalho com o povo - então eu falo que aqui no Brasil quem trouxe a religião Católica Apostólica Romana foram os portugueses; nós somos orientados pelos portugueses. Então eu falei, se fôssemos japonês a gente nasce é budista, mas nós então temos que ser mesmo aquilo que... Nós separamos de lá mas Portugal é diretamente, religiosamente é o nosso pai, né? Quer dizer, ele que ensinou o meio de viver. Então, portanto toda característica do Morro é fundamentada lá em Portugal. Aí eu falo assim: "A Virgem Maria, nós celebramos a festa dela aqui". E as aparições dela é em Fátima! Onde é que é Fátima? É uma ilha dentro de Portugal. Eu falo na Cavalhada de Nossa Senhora de Nazaré, (que eu sou diretor dela e o Nildo é tesoureiro): foram implantada aqui no Morro, pelos portugueses, mais ou menos em 1704. Quer dizer, no início do século XVIII. Olhanós conservando uma tradição. (Zé Leal).

De fato, se há uma devoção que possa ser definidora do povo português, esta é a devoção à Virgem Maria: não somente depois de Fátima; a devoção mariana parece sempre ter se mesclado com a identidade portuguesa (cf. Coelho Dias, 1987). Mas aceitando a provocação de nossos sujeitos que se colocam em um horizonte temporal delimitado pela origem do Brasil marcada pela tradição portuguesa aqui implantada, examinemos alguns sinais históricos de tal empreitada.

A expansão marítima portuguesa já se deu sob o signo da Virgem: a prova

material da conquista do portal do "Mar Tenebroso", abrindo o Oceano Atlântico para novos horizontes, apresentada a D. Henrique, o navegador, foi a "rosa de Santa Maria" (Bueno, 1998). Sabemos que a típica devoção marítima portuguesa era exatamente a mariana (Cf. Coelho, 2001; Penteadó, 1998). Mesmo Cabral levava consigo uma imagem de Nossa Senhora da Boa Esperança em seu trajeto à Índia (Bueno, 1998).

E Nossa Senhora de Nazaré, em particular, esteve presente de maneira significativa naquele momento histórico de grandes desafios materiais, históricos e culturais: Vasco da Gama controlara as águas enfurecidas do Cabo das Tormentas com o colar da Senhora de Nazaré, (segundo Padre Manuel de Brito Alão que registrou o fato, em 1637, em *Prodigiosas histórias e miraculosos sucessos acontecidos na Casa de Nossa Senhora de Nazareth* à folha 68v) (apud Penteadó, 1998). Fazendo memória deste fato, ainda hoje o peregrino da Senhora de Nazaré recebe, ao visitar o santuário ao alto do peremptório do Sítio, folheto contendo o Hino composto em 1936 que lhe leva a cantar "O gran Capitão das Ondas, / Vasco da Gama chamado, / Foi com seu Rosário bento / Que deu nó ao Mar salgado!". Ali mesmo, à beira do Oceano aberto, ao lado da Capela da Memória, um marco de pedra assinala a visita de Gama para súplica e para agradecimento por suas viagens.

Os relatos de Padre Alão² (apud Penteadó, 1998; cf. também Coelho, 2001) já nomeiam o Brasil em prodígios acontecidos no mar por obra da Senhora de Nazaré, desde o início dos seiscentos: o próprio piloto da carreira do Brasil, António Martins, foi a Nazaré agradecer por ter sido protegido, em 1612, de uma tempestade ao chegar em Portugal, tendo partido da Bahia. Em 1625 Mateus Nunes visita o santuário em agradecimento por ter se salvado de um naufrágio, estando doente, em viagem do Brasil para o Reino. Mesmo em águas brasileiras, em 1614, durante um rápido naufrágio, António Gonçalves, o queimado - que descreveu no Santuário de Nazaré o acontecido - ouve de seu filho "que tivesse confiança na Senhora de Nazaré, que o havia de por a salvo, (...) e que uma mulher que levava junto de si (...) o guaiava"³. Importante relato indicador da expansão da devoção no Brasil, já naqueles anos, é o de uma caravela da vila da Pederneira (contígua ao

² ALÃO, Padre Manuel de Brito. *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa S. de Nazareth: grandezas de seu sítio, casa, et juristição real, sita junto à villa da Pederneira...* Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1628. Reimpressão em Lisboa, na oficina de João Galvão, 1684.

ALÃO, Padre Manuel de Brito. *Prodigiosas histórias e miraculosos sucessos acontecidos na Casa de Nossa Senhora de Nazareth*. Lisboa: Lourenço Crasbeeck, 1637.

³ ALÃO, Padre Manuel de Brito. *Antiguidade...* fls. 30-30v e 41

Santuário da Nazaré) que foi alvo de dois ataques dos "turcos" ao se dirigir ao Brasil levando alguns exemplares dos livros de Padre Brito Alão, e por se apegarem à Virgem de Nazaré puderam chegar à meta e retornar a salvo.

1704 é outra delimitação temporal assinalada naquele mesmo depoimento anterior de um morador de Morro Vermelho. Data conservada na memória coletiva local como início da celebração da Cavahada em honra de Nossa Senhora de Nazaré em Morro Vermelho, é tida como referência para a fundação do próprio vilarejo. Também esta origem vem a ser, então, compreendida como herança portuguesa e católica a ser conservada como fator de identidade. De fato, é recorrente na comunidade os debates sobre a antiguidade de suas tradições, e se tende a acentuar a origem distante como fator evidenciador da capacidade da comunidade de conservar o legado recebido. Na medida em que a capacidade de conservação testemunhada nos elementos culturais observáveis lhes confere valor, o empenho com as tradições e objetos que dela são sinais é, a um só tempo, empenho afetivo, pessoal e compromisso social.

Um exemplo claro desse tipo de empenho é o cuidado em obterem recursos para a conservação e restauração das duas igrejas barrocas locais. Sendo uma comunidade relativamente pobre e muito pequena (não são mais de 800 habitantes), é realmente admirável a atenção com a conservação, a capacidade de iniciativa, a constância da participação. Nisto também participa a afeição especial a Nossa Senhora de Nazaré. De fato, a ela é dedicada a igreja matriz e ali estão conservadas uma bela imagem barroca portuguesa da Senhora tendo o Menino aos braços (ambos coroados) e a pintura no teto da nave central figurando a típica cena do milagre de Nossa Senhora de Nazaré a D. Fuas Roupinho à beira do precipício, enquanto ele se volta para a Virgem coroada no céu que lhe concede a graça, enquanto o veado traçoeiro e a lança do caçador despencam ao mar. É interessante notar que Morro Vermelho tem as duas maneiras de celebrar a Virgem de Nazaré também presentes na história e no Santuário atual em Nazaré de Portugal, a saber, a imagem da Senhora com o Menino Jesus e a figura apresentando o milagre recebido por D. Fuas Roupinho. O modelo iconográfico que apresenta o cavaleiro e a Senhora no céu reinante se fixou justamente no século XVIII (Penteado, 1998), quando se dá também a fundação de Morro Vermelho. Embora a pintura atual seja mais recente, inclusive perdendo características barrocas, a tradição local ressalta a antiguidade da representação do milagre ali, a indicar a longevidade da tradição viva desde a origem do vilarejo. De qualquer maneira, a igreja foi datada

por especialista como sendo de 1713c (Del Negro, 1958, p.126), sempre dedicada à Nossa Senhora de Nazaré, e sabe-se que toda a região de Minas Gerais recebeu um grande contingente de portugueses no início do século XVIII.

A pintura da nave central mereceu apreciação de Carlos Del Negro (1958) na última década de 50. Ao fazer uma comparação entre a pintura de representação do milagre a D. Fuas Roupinho conservada em Morro Vermelho e uma outra observada por ele em Minas Gerais, ressalta a seus olhos que a da comunidade em questão "cerca-se de pormenores que não existem na matriz de Santa Rita Durão". De fato, esta última dá ênfase na Virgem com o Menino, tendo o cavaleiro montado abaixo; enquanto que a de Morro Vermelho apresenta todo o cenário cena. Interessante notar que os aspectos que Del Negro nos indica como característicos da figuração examinada se referem a elementos que fornecem o contexto da cena: paisagem simulando um alcantil, vegetação de coqueiros e gravatás, o mar e seu encrespamento, as proporções das figuras insinuando a grandiosidade do cenário. É ainda mais interessante ainda o autor deixar transparecer sua surpresa e mesmo estranhamento com relação àquele contexto: "Surpreende naquelas longínquas paragens do interior a idéia do mar!" (Del Negro, 1958, p.125). Chega a listar elementos com certo estranhamento como a ausência de onda na praia do mar e o encrespamento de sua superfície, ou a presença de vegetação brasileira. Até mesmo indica uma possível interpretação do significado metafísico daquela figuração: "as ondas (...) têm o encrespamento da superfície das águas profundas. Talvez movesse o pintor a intenção de acentuar aos olhos dos fiéis a impossibilidade uma salvação material" (Del Negro, 1958, p.126).

Tais comentários deixam transparecer que, com certeza, o importante crítico da pintura mineira não conhecia Nazaré portuguesa e o lugar preciso que a tradição indica como o do milagre recebido pelo cavaleiro em 1182, e que não conhecia a importância da referência a lugares precisos para o apoio do trabalho da memória coletiva. De fato, se compararmos a descrição dos elementos que Del Negro acentua (ainda que com estranhamento) ao examinar a figuração em Morro Vermelho, com a cena física do promontório do Sítio, avistada do lugar marcado pela capela da Memória como o lugar exato do milagre, a precisão é impressionante. Ainda que criticando, Del Negro confirma a eficiência daquela figuração em trazer para próximo do observador cena original. Comparemos a descrição de Del Negro (1958) com a de Pe. Mendes Boga (1988) em sua célebre obra de relato e divulgação do Milagre de Nazaré. O observador da pintura ressalta que "empre-

ga muitos verdes na vegetação" (p.125); e o observador natural acena "a vegetação ubérrima dos campos; (...) a massa verde-escura e penumbrosa dos pinhais" (p.8). O primeiro acentua, estranhando, a presença do mar, a ausência das ondas, o encrespamento da superfície, as águas profundas; o segundo descreve avistar o Atlântico como "imensa esteira cerúlea, onde a luz do Sol corusca em cintilações vivíssimas", sendo "manso, muito manso, a babujar de espuma branca espreguiçasse por vezes nos areais da praia", onde a brisa vem "encrespando-lhe levemente a superfície" (p.8). O crítico diz que "a paisagem simula um alcantil" (p.125); o observador local descreve: "Na rudeza de suas escarpas e no conjunto irregular de suas rochas dentadas, debruçando-se sobre o mar, como a querer cingi-lo, surgenos assente em um planalto a povoação do Sítio" (p.7). Del Negro indica que "as proporções das figuras insinuam a grandiosidade do cenário" (p.126); Boga que "do Sítio avista-se um largo e belo horizonte que nos surpreende pelo seu imprevisto e nos arrebatava pela sua grandiosidade" (p.11).

Talvez a precisão descritiva do lugar original que caracteriza a pintura da nave central da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Morro Vermelho - carregada de elementos históricos, ainda que tomada como instrumento de memória coletiva pela comunidade local - seja um fator responsável pela experiência de familiaridade com aquele lugar e com a cidade portuguesa por parte dos moradores quando o pesquisador lhes apresentou fotografias do Sítio, do Santuário de Nossa Senhora de Nazaré em Portugal, do despenhadeiro marcado pelo milagre tão constantemente admirado através da pintura, inclusive com a pedra avançada para o vazio do penhasco onde o cavalo teria se apoiado. De fato, os moradores continuavam a fitar, carinhosa e silenciosamente a pintura de sua igreja enquanto o pesquisador ali mesmo na igreja lhes mostrava as fotografias através de um retroprojektor. A figura que busca retratar a cena oferece ao admirador cotidiano uma referência à reflexão sobre o mistério apresentado. Dona Lica, por exemplo, aos seus 93 anos nos segreda que durante toda sua vida mirou o chapéu caindo da cabeça do cavaleiro naquela figura no teto da igreja, tomando como detalhe do fato relatado, como sinal da velocidade com que o caçador se precipitava e portanto como sinal da grande potência de Nossa Senhora de Nazaré. Portanto, a característica daquela pintura de se aproximar do peremptório do Sítio em Nazaré pode ser cheio de conseqüências para a função religiosa que ocupa e em força da qual foi conservada. A admiração naquele momento era, sim, pela semelhança, mas principalmente se deu porque aquele momento

acentuava a proximidade daquela história à vida local: minha pessoa que havia estado ali, conversado com membros da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, que pude avistar com os próprios olhos aqueles lugares sagrados, pisar aquele solo altivo e misterioso, que havia trazido um cartaz com a foto da sagrada imagem da Virgem do aleitamento intitulada Nossa Senhora de Nazaré como presente da Confraria para os de Morro Vermelho; o pesquisador mesmo se tornara um ícone, ponte para toda aquela história que a tradição local conservou com afeição e devoção. Depois de longo silêncio durante e após a explanação, alguém sugere cantar em honra de Nossa Senhora de Nazaré. E o canto é entoado por voz forte, com olhos brilhantes e incansáveis admiradores da pintura mais deles do que nunca, com rostos vivazes, com a comoção de quem é confirmado na própria existência. Ao final, depois de demorar longamente para que o presente vindo da origem pudesse passar de mão em mão, sempre comovidas, registrei comentários de 10 sujeitos no adro da igreja. Só a leitura atenta e a análise de sua estrutura nos permite apreender o significado do contato dos moradores com algumas informações relativas à origem da própria tradição.

Familiaridade é a tônica dos comentários: o que foi trazido de Portugal é o que se vive aqui. Tudo o que há na comunidade veio de lá, tudo o que foi mostrado de lá há aqui. Para eles, isso revela que a comunidade soube acolher o que os antepassados deixaram, confirma que passaram corretamente, confirma que o que se vive aqui pode realmente ser definido por sua origem:

Tudo que foi visto aí nisso que 'cê mostrou pra gente, é o que a gente vive aqui, né?, O que a gente sabe, os ensinamentos que os nossos antepassados vêm passando de pai pra filho, deixando essas lembranças pra gente, tudo que tem aqui, no teto da igreja, esses retratos aí foi que 'cê mostrou, trouxe pra gente de lá. A gente ficou muito satisfeito. (Maria Helena).

A familiaridade é imediata, e é provocada pela familiaridade com aquela cena. Esse fator já é suficiente para estabelecer uma identificação entre os dois lugares. Então toda grande diferença já significa muito pouco...:

Quando passou a igreja, aquele penhasco, lá do milagre, foi idêntico, igual a Morro Vermelho. Eu falei assim: 'Nó! mas que lugar parecido com Morro Vermelho' [Riso]. Aquelas casinhas lá, né? Então só diferente é que não tem praia e lá deve ser grande a cidade lá.

A familiaridade com a origem é tal, que lhes permite até mesmo uma espécie de lembrança embora não conhecessem. Trata-se um reconhecimento pela familiaridade dada pela história, que lhe dá abertura aos elementos concretos: e aquelas casas longínquas são quase as próprias. Sabem que é difícil explicar - lembrança do que não conhece, mundo distante e diferente é idêntico... - mas é assim mesmo que lhes parece:

Na hora que eles mostrou a rua com aquelas casas, a igreja, então me deu uma lembrança..., eu falei assim: 'Bem parecido com Morro Vermelho' apesar de num conhecer, mas até as casas parece, a história... [Riso] a história de Morro Vermelho e as casas também parecido. Foi isso que eu achei. Idêntico. Num sei se é bem idêntico ou se foi só a minha imaginação que deu parecer. Mas eu achei que parece bem.

A identificação se dá ao reconhecer a mesma história através dos mesmos elementos apresentados em Nazaré e em Morro Vermelho, e evidencia-se o valor de a tradição não ter alterado nada, não ter deixado nenhum detalhe, inclusive identificando as responsabilidades diversas, a saber, a de os portugueses terem enviado corretamente e os de Morro Vermelho terem mantido íntegro:

Eu acho que a gente apesar de tá longe, tá tudo igualzinho, é tudo parente, é tudo a mesma coisa. Tudo que eles tão vendo lá a gente tá vendo aqui do mesmo jeito. Tem igreja de Nossa Senhora de Nazaré lá a gente tem também aqui, com a mesma pintura e na mesma história. Então eu acho que tá tudo ligado! (...) O teto que eles têm lá é igualzinho o nosso teto. A história que a gente conheceu aqui é praticamente... Não, é a mesma história que conheceu lá, num deixou nenhum detalhe pra trás. Se veio diretamente certinho de lá pra cá, tá inteirinho... (Charles).

E a identificação é tamanha, que se chega a propor o mesmo nome: "Se quisesse trocar o nome do Morro Vermelho, devia chamar Nazaré também."

Confirmados na própria história pela confirmação da origem, voltam-se também para algumas características típicas de Morro Vermelho: serem teimosos é avaliado dentro da capacidade de manter sua tradição, e esta é tomada como coisa de Deus:

Tinha padre falava nós: 'É cabeça dura', um dia eu falei assim: 'Pra seguir a Deus, se a gente num tiver cabeça dura a gente num segue, por que até pra seguir Ele tem que ter cabeça dura, porque as coisas pra afastar a gente de Deus é muito mais fácil. (Zé Leal).

Zé Leal: Eles ensinaram tudo. Porque a religião católica no Brasil

foi implantada pelos portugueses. E aonde preserva ela como eles ensinou é aqui no Morro...

Nildo: Justamente o que eu tô falando, a cavalhada...

Zé Leal: N'outro lugar deixaram... Deixou, quer dizer mudou muita coisa. Quer dizer, o latim, principalmente, he... Aqui em Caeté cantava, em Roças Novas cantava, em Sabará cantava... Foram tudo. Às vezes a juventude vai achando bobeira. Então onde que ficou foi só aqui no Morro.

Nildo: Ficou aqui no Morro por causa do carrancismo nosso, por que de poucos ainda...

Vindo à tona a questão do embate com os mouros estar presente na história tradicional de Nossa Senhora de Nazaré, afirmam que não conheciam um conjunto de informações precisas ou a história da defesa da pequena imagem sagrada, mas ao mesmo tempo afirmam que a Cavalhada foi mantida porque o sentido essencial está preservado, tanto é que preservam a festa:

Nós sabia, por isso que tá mantendo. Talvez a gente num sabe o fundamento todo direitinho. O início, né? Às vezes num tá igual lá, mas pelo menos tenta fazer, né? Porque eu tava cá embaixo, num entendi muito o quê que ce tava falando, não. Mas de qualquer maneira é o sentido, né? É o sentido. (Nildo).

É importante notar como a questão do conhecimento, na dinâmica da memória, se dá mais pela apreensão e fixação do sentido do que de um conjunto de dados fornecidos pela história, que pode trazer uma precisão de detalhes mas carentes de sentido. Chega-se mesmo a explicitar que fora da dinâmica comunitária de elaboração das informações, estas acabam se perdendo; sem serem introduzidas na dinâmica da memória coletiva a informação permaneceria estéril, sem lugar na existência dos homens. Assim, um rapaz diz que já havia tido contato com informações de cunho histórico sobre aquela tradição, até se referindo a Morro Vermelho, mas acabou não fixando: "É porque eu li numa revista que saiu reportagem do Morro, e tinha umas coisas... O que não é comum de falar, num lembra não" (Charles).

A partir do tema do embate com os mouros, inicia-se uma discussão sobre os embates que a comunidade local teve de travar para a defesa de suas tradições e afirmam que só puderam permanecer nessa atitude, e com isso manter as tradições, por acreditarem na presença de Nossa Senhora de Nazaré com eles:

Biló: Que a fé nossa é tanta porque a gente enfrenta um padre, enfrenta bispo, enfrenta, enfrenta esse trem tudo; e porque que a gente enfrentou? Quer dizer, acreditando em Nossa Senhora de Nazaré com nós, né? Que se a gente num tivesse a fé dela, isso aqui já tinha acabado, nós...

Nildo: Ela mesma já tinha acabado.

Biló: Nós enfrenta um padre, enfrenta um bispo por conta da festa, né? Hoje, 'cê vê, hoje taria largado, num nada aqui mais não. Já tinha acabado era tudo, uai.

A característica mais importante, então, não é tanto o temperamento de "carrancismo", ou a prontidão para o enfrentamento, mas o fato de serem preservadores, mantenedores da tradição. Esta posição é recorrente na comunidade, assim como a frase "Morro Vermelho já fez tanto pelo Brasil e o Brasil não fez nada por Morro Vermelho". De fato, concebem que manterem tradições que outros lugares abandonaram é uma honra mas, sobretudo, uma contribuição que a comunidade local dá para a sociedade brasileira; é a forma de participarem na construção da sociedade humana. E esta possibilidade de contribuir com o Brasil através do oferecimento da tradição viva e preservada, uma vez retomada com consciência do valor, recobre-se de um caráter de dever, de ideal:

Biló: E o bispo que nós brigamos com ele, teve aí outro dia, ta?, e falou com nós pra expandir pra fora, porque a fé do povo tá acabando; pra eles ver que no Morro Vermelho ainda tem raiz, raiz segurando, segurando o trem pra num..., pra nós num deixar isso acabar. Que os jovens tudo ajudasse e num deixar essa tradição acabar.

Miguel: E por que vocês tinham brigado com ele?

Biló: que o padre inventou. Nós brigou com o padre, mas o padre levou conversa de outras coisas, que nós tinha aqui era tourada. Num sabia, inventou, né? Mas ele veio cá e viu que num era aquilo. Tanto que eles deram ele duas fitas pra ele levar. Que o negócio nosso num é trem de..., é de respeito mesmo, uai.

Nildo: ele falou que 'tô na obrigação de divulgar todas as paróquias de Belo Horizonte pra Minas Gerais inteira, tô na obrigação de fazer isso, que os acontecimentos aqui no Morro Vermelho, que é um compromisso muito grande que ficou na minha mão'.

De fato, colocam-se da mesma maneira diante de Portugal. Note o diálogo:

Nildo: Se eles esqueceram alguma coisa, fala pra eles vim cá, buscar aqui no Morro Vermelho, uai.

Miguel: O que eles podem vir buscar aqui?

Nildo: É porque nós num esquecemos de nada. O que que nós achamos nós tamos preservando, né? Se eles num... Por exemplo, na festa lá se eles num souber, num tem aquilo e quiser fazer igual que nós... [Riso].

Biló: Tá precisando deles vim cá, Miguel. Eles vim cá pra poder ver nossa festa aqui e ver como que nós ainda tamo. A fé nossa por Nossa Senhora num acabou ainda. Aí pra eles vim ver a nossa festa. A festa da cavallhada entre mouros e cristãos. Ainda isso nós quer ver. Levantando o mastro, desejando a paz amarrando as fitas no pé do mastro. Quer que eles mesmos vem cá, né Nildo?, que nós num tamo querendo que vai mandar pra eles vim, mas quer que eles vem cá pra eles poder prestigiar a nossa festa aí. (...) É. Conferir a festa aí, que eles mesmo fez, trouxe, né Nildo?

Zé Leal: Que nós somos conservadores.

Biló: E nós tamos conservando.

Nildo: conservando pra eles. Se eles quiser uma lembrança, que eles vêm cá, uai.

Biló: Tamo mantendo o que nós tamo achando e lá vamo largando pros que 'invém'. É, uai!

E num pode tapear, tem que ser uma fé firme, num adianta confiar no santo e não rezar. Quer dizer, se num fizer a parte como ela disse: 'faizei tudo que Ele mandar'. Quem num fizer, não adianta festa, se num fizer o que o filho mandou. (Celso).

Em outro momento Nildo explicita que a contribuição para com Portugal pode ser também no sentido que possa chegar a conhecer o que eles implantaram aqui e possam não só ter esquecido mas talvez não tenham nem mesmo chegado a conhecer, uma contribuição para que Portugal mesmo possa conhecer a própria história implantada em outras terras:

Eu falei: se eles esqueceram, se Portugal esqueceram d'alguma coisa, se eles venham aqui no Morro que eles encontram. Por exemplo, às vezes quando eles vieram de Portugal, que foi eles que descobriu o Brasil, às vezes veio uma turma mas eles acabou implantando esse trem aqui mas acabou morrendo por aqui mesmo, nem chegou a retornar em Portugal pra divulgar isso lá, fazer isso lá. Então talvez

nem tem conhecimento disso, né? Por que é deles mas eles não chegaram nem a fazer lá, porque a turma que teve tempo de inventar isso aqui ou fazer - num sei se quando eles saíram de lá se já tinha isso lá. Mas a verdade que a gente não vê mais, né?, em propaganda assim, nem em Portugal. Quando eles mostram alguma dança, mostra em qualquer país, em Portugal a gente num vê nada. Então quer dizer que eles num tem. Uma coisa que é deles mesmos, eles esqueceram ou num aprendeu.

Zé Leal: Morreu por aí, e nós tamo aí, segurando uma pontinha... [Riso].

Nildo: segurando uma ponta pra eles!

À guisa de conclusão, para apreendermos de maneira sintética o posicionamento dos moradores de Morro Vermelho diante da herança portuguesa recebida, observemos alguns "recados" que os próprios sujeitos enviam para os portugueses:

Eu quero que você fala pra eles que é bom a gente saber que tem mais gente, né?, pedindo a ela, rezando e pedindo ela pelo Brasil inteiro, pelo mundo todo. A gente tem mais irmãos em Cristo, em Nossa Senhora também. (Beatriz).

Eu quero agradecer aos nossos co-irmãos portugueses, o que eles vieram implantar aqui no Brasil e que nós, até a presente data, estamos conservadores: é a religião Católica Apostólica Romana. Inclusive estas festas tradicionais que são a cavalhada e a contra-dança, que foram os antepassados deles que implantaram aqui em Morro Vermelho e que nós atuais somos conservadores, inclusive eu, José Leal Pinheiro.

Se eles esqueceram alguma coisa, pra eles vim cá, buscar aqui no Morro Vermelho, uai. É porque nós num esquecemos de nada. O quê que nós achamos nós tamos preservando.

Nós não tamo sozinho aqui no Morro Vermelho. Nós tem a força deles lá também. (Nildo)

Nós quer que eles vem cá pra poder prestigiar a nossa festa aí. Conferir a festa que eles mesmo fez, trouxe. (Biló).

Que eles continuem com a fé deles lá e que nós continuemos aqui também a nossa fé a Nossa Senhora de Nazaré. E ocês também, Miguel.

Eu quero falar pra eles é isso: que se eles interessarem a vim aqui a Morro Vermelho a participar da festa, que eles sejam bem vindos, que a gente acolhe com o maior prazer, e que eu tenho vontade de conhe-

cer também a cidade de Nazaré, né?, lá em Portugal, que isso que eles trouxeram pra nós foi maravilhoso. Que a gente vive esta realidade com muita fé, né?, e que Nossa Senhora de Nazaré abençoa nosso município aqui porque o lugar que nós vivemos é muito pequeno, não tem empresa e que tudo que a gente adquire aqui é através de milagre e fé mesmo que a gente tem em Nossa Senhora de Nazaré, que se não fosse ela, acho que a gente nem conseguia viver aqui nesse Morro Vermelho. Porque aqui num tem empresa, num tem emprego pra ninguém. Eu fico achando isso incrível: como que nós vivemos aqui, porque é só através da fé e do poder dela e do milagre que ela anda fazendo pra nós todos os dias. (Maria Helena)

Sabem-se irmãos dos filhos de Nossa Senhora de Nazaré. Retomada a história da tradição em Portugal reconhecem-se participantes enquanto preservadores da história que carrega a própria presença dela. Sabem-se acompanhados por Ela, sabem-se companheiros também deles, portugueses. Uma missão diante dos filhos, diante do Brasil, de Portugal e de todo o mundo se abre. A admiração pela história continuada germina em gratidão pela herança recebida, e pela presença reconhecida, na dureza do cotidiano da pequena vila rural de Morro Vermelho.

Talvez agora possamos começar a vislumbrar o peso da frase de Zé Leal ao relatar a confiança na presença de Nossa Senhora de Nazaré nas lutas pela manutenção das tradições, onde memória, história e apego afetivo estão extraordinariamente articulados: "Sem o apoio dela, não vamos existir no mundo, entendeu?".

Bibliografia

- AMATUZZI, Mauro Martins. "Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica". *Estudos de Psicologia*. Campinas, v.3, n.1, p.5-10, jan.-abr., 1996.
- BELLO, Angela Ales. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. (A. Angonese, trad.). Bauru - SP: Edusc, 1998.
- BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. (A. Angonese, trad.). Bauru - SP: Edusc, 2000.
- BOGA, Padre Manuel Mendes. *D. Fuas Roupinho e o santuário da Nazaré*. Porto: S.n., 1988. (Original publicado em 1929).
- BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. (Coleção Terra Brasilis, v.1).
- COELHO, Geraldo Mártires. "Catolicismo devocional, festa e sociabilidade: o culto da Virgem de Nazaré no Pará Colonial". Em JANCÓS, István e KANTOR, Íris (org.). *Festa: Cultura & sociabilidade na América Portuguesa*, volume II. São Paulo: Hucitec : Edusp : Fapesp : Imprensa Oficial, 2001, p.919-931. (Coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v.3).

- COELHO DIAS, Geraldo J. "A. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos". *Revista da Faculdade de Letras*, 2a. série, Porto, v.4, p.227-253, 1987.
- DEL NEGRO, Carlos. "Contribuição ao estudo da pintura mineira". Rio de Janeiro: *Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1958. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v.20).
- HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.
- HALBWACHS, M. *Memorie di Terra Santa*. (traduizione italiana), Venezia: Arsenale Editrice, 1988.
- HALBWACHS, M., *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990. (Biblioteca Sociologia e Política, n. 21).
- MAHFOUD, Miguel. "Encomendação das almas: mistério de mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira". Em MASSIMI, M. e MAHFOUD, M. *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999, p.57-67.
- MAHFOUD, Miguel. "Percorrendo as distâncias: memória e história". Em HOFFMANN, Annette; BUENO, José Lino de Oliveira; MASSIMI, Marina (Org.). *Percorrer distâncias: um desafio para a razão humana*. São Paulo: Ed. Companhia Ilimitada, 2001, p.53-64.
- MAHFOUD, Miguel. "Emoções e imagens sagradas em festa popular brasileira de origem barroca". Em MASSIMI, Marina. e SILVA, Paulo J. C. (Org.). *Os olhos vêem pelo coração: conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII*. Ribeirão Preto - SP: Editora Hollos, 2001a, p.108-121.
- MAHFOUD, Miguel. "Necessidade, desejo e exigências: cultura como âmbito da experiência". Em PAIVA, G. J. *Entre a necessidade e o desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo - SP: Ed. Loyola, 2001b, p.79-89.
- MAHFOUD, Miguel e RIBEIRO, S. M. "Construir a festa, fazer memória: emigrantes atualizam sua tradição". *Cadernos de Psicologia*. Belo Horizonte, v.8, n.1, p.65-72, 1998.
- MAHFOUD, Miguel e RIBEIRO, S. M. "Festa e devozione: esperienza religiosa e memoria collettiva di emigranti in visita presso la comunità rurale di origine". In ALETTI, M. e ROSSI, G. (Org.). *Ricerca di sé e trascendenza: approcci psicologici all'identità religiosa in una società pluralista*. (Atti del VII Convegno Nazionale "Ricerca do sé e trascendenza approcci psicologici all'identità religiosa in un mondo pluralistico", Università di Verona - Italia). Torino: Centro Scientifico Editore, 1999, p.183-190.
- PENTEADO, Pedro. *Peregrino da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 1998.
- PENTEADO, Pedro. "Para uma história dos santuários portugueses". Em CENTRO DE HISTÓRIA DA CULTURA / HISTÓRIA DAS IDÉIAS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular: sociabilidades, representações, espiritualidades*. Lisboa: Terramar, 1999, p.43-55.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. "Halbwachs: memória coletiva e experiência". *Psicologia USP*, São Paulo, v.4, n.1/2, p.285-289, 1993.
- VAN DER LEEUW, Gerardus (1970). *La religion dans son essence et ses manifestations, phénoménologie de la religion*. (Jacques Marty, trad.). Paris: Payot. (Original de 1933).

Resumo

Nossa Senhora de Nazaré em Morro Vermelho: memória coletiva e história

Buscando identificar relações entre história e memória coletiva, assim como vividas e representadas pelos próprios sujeitos da experiência, examina-se - na perspectiva na psicologia social fenomenológica - a elaboração da experiência típica de uma comunidade rural tradicional mineira, Morro Vermelho, no que toca à sua mais importante tradição local, a saber, a devoção e celebração da festa de Nossa Senhora de Nazaré. Analisam-se depoimentos de 10 sujeitos que relatam as origens portuguesas da tradição bem como seu significado atual daquela figura sagrada para a comunidade local. Analisam-se também depoimentos colhidos no momento em que tomaram conhecimento de detalhes da história da padroeira trazidos de Portugal e da própria cidade portuguesa de Nazaré pelo pesquisador. Os resultados indicam que elementos históricos estão contidos na memória coletiva local, tanto consciente quanto inconscientemente (a figura dos mouros, a memória precisa do milagre a Roupinho, a origem portuguesa etc); valorizam prioritariamente as informações como objetos para a memória, mais do que para a história; confirmações históricas são valorizadas como evidências da confiabilidade das tradições locais; tematizam a origem portuguesa e a capacidade de memória da comunidade local como contribuição para toda a sociedade brasileira, e definem-se como guardiães da tradição inclusive para os próprios portugueses.

Palavras-chave: memória e história; memória coletiva; cultura popular; fenomenologia social.

Abstract

Nossa Senhora de Nazaré in Morro Vermelho: collective memory and history

Trying to identify the relationships between history and collective memory, as it has been lived and represented by the subjects of the experience, this study examines - through the perspective of the phenomenological social psychology - the elaboration of experience of a traditional rural community of the state of Minas Gerais, Morro Vermelho, regarding what concerns its most important local tradition: the devotion and celebration of the feast of Nossa Senhora de Nazaré (Our Lady of Nazareth). In this study, it is examined the testimony of 10 subjects in which they narrate the Portuguese origins of the tradition as well as the current meaning of that sacred figure for the local community. It is also analyzed the testimonies collected at the moment in which the subjects were acquainted with the details of the history of the patroness, which were brought by the researcher from Portugal, specifically from the city of Nazareth. The results indicate that the historical elements are contained in the local collective memory, conscious as well as unconsciously (the figure of the Moors, the precise memory of the miracle performed to Roupinho, the Portuguese

origin etc.); they value mainly the informations as objects for memory, more than for history; historical confirmations are valued as evidences of the trustworthiness of the local traditions; they discuss the Portuguese origin and the capacity of memory of the local community as a contribution for the entire Brazilian society, and they define themselves as guardians of the tradition also for the Portuguese people.

Key-words: memory and history; collective memory; popular culture; social phenomenology.